Novo
Boletim Bibliográfico
Informativo da Fundação Vingt-un Rosado
Mossoró - Rio Grande do Norte
Ano 70 - Número 165 - Fevereiro de 2019

FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
CNPJ 70.302.583/0001-90

Praça da Redenção Dorian Jorge Freire, 17 - Terceiro andar- Centro – Mossoró / RN - Brasil
CEP: 59600-065 Telefone: 84 98822 1721/ 84 98886 0520 / 3315 5177
https://colecaomossoroense.org.br e fvrcm@uol.com.br
Conta para depósito, transferência e/ou colaboração: Banco do Brasil - Agência 0036- 1 / Conta Corrente 153714-8.

Nome: Jerônimo Dix-sept Rosado Maia Sobrinho
Cargo: Presidente

Nome: Wilson Bezerra de Moura
Cargo: Conselho de Curador (Membro Nato)

Nome: Elder Heronildes da Silva
Cargo: Conselho de Curador (Membro Nato)

Nome: Benedito Vasconcelos Mendes
Cargo: Conselho de Curador (Membro Nato)

Nome: Antônio Kydelmir Dantas de Oliveira
Cargo: Conselho de Curador (Membro Efetivo)

Nome: Francisco Rubens Coelho de Figueiredo
Cargo: Conselho de Curador (Membro Efetivo)

Nome: Geraldo Maia do Nascimento
Cargo: Conselho de Curador (Membro Efetivo)

Nome: Daniela Rosado do Amaral
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Efetivo)

Nome: Marcos Antônio Filgueira
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Efetivo)

Nome: Wagner Rosado da Escóssia.
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Efetivo)

Nome: Paulo de Medeiros Gastão (in memoriam)
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Suplente)

Nome Filemon Rodrigues Pimenta
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Suplente)

Nome: Almir Nogueira da Costa
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Suplente)

Novo
Boletim Bibliográfico

EXPEDIENTE

Diretor Executivo: Jerônimo Dix-sept Rosado Maia Sobrinho
Projeto Gráfico: Geraldo Maia do Nascimento
Colaboradores: Asclépius Saraiva, Geraldo Maia do Nascimento, Eriberto Monteiro, Maria das Graças Henrique, Maurílio Carneiro, Francisca Maria de Araújo, Júlia Azevedo, Filemon Rodrigues Pimenta, Rogério Dias, Zenóbio Oliveira das Aguilhadas, Dix-sept Sobrinho, Yáscara Samara, Edilson Segundo, Wilson Bezerra de Moura, Benedito Vasconcelos, Lucas Rafael Monteiro, Kennedy Fernandes, Josselene Marques, vittopoeta, Kennedy Fernandes, Marcus Vinícius, Alexandre Filho e Solidade Souza.

Editoração e Revisão: Eriberto Monteiro

Notícias da Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte

A equipe da Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte esteve retornando as suas atividades funcionais neste mês de fevereiro de depois merecidas férias coletivas.

O mês de fevereiro foi iniciado com uma reunião administrativa para repasse de informações. Segundo a diretora Maria das Graças Henrique, a reunião foi uma forma de "realinharmos os eixos da funcionalidade desta instituição".

As visitas foram poucas por causa do ano letivo que começou timidamente, tanto nas redes municipais, estaduais quanto particulares.

Foi dada total atenção aos visitantes neste período que ocorrem a volta às aulas e os pesquisadores igualmente retornam seus estudos e atividades inerentes ao dia-a-dia.

Nessa diapasão, foi reorganizado toda programação a ser desenvolvida pela Biblioteca no atendimento e comemorações alusivas a datas significativamente históricas e culturais.

O acervo infantil da biblioteca ficou mais rica. A Fundação Vingt-un Rosado, na pessoa do presidente Dix-sept Rosado Sobrinho, doou uma coleção completa do escritor Monteiro Lobato, no que diz respeito a literatura infantil.

A diretora ficou muito feliz com o presente e Ela expressou tamanha riqueza que a Fundação Vingt-un Rosado deixou o acervo infantil. Assim disse da importância da doação: "pelo fato de termos sido agraciados e, porque não dizer, presenteados, com uma belíssima e valorosa coleção literária cultural e de conhecimentos imensuráveis. A Fundação Vingt-un Rosado, nosso parceiro nos quadros da cultura, lazer, informação, motivação e valorização das artes cênicas, lítero-culturais em todas as áreas do conhecimento vocacional, nos fez uma doação de uma coleção completa do grande escritor Monteiro Lobato. Ele foi ícone no que diz respeito a literatura infantil. Desta forma, agradecemos a iniciativa e que outras instituições possam também colaborar, não só com livros, mas também com brinquedos educativos ou com materiais que possamos produzi-los aqui mesmo, em outras atividades, que venham despertar na criança a motivação pela leitura e o prazer de folhear e resinificar um bom livro".

A exemplo da diretora Maria das Graças Henrique, a Coordenadora Pedagógica da biblioteca municipal, Francisca Maria de Araújo ficou muito satisfeta. Segundo ela, "o acervo infantil da Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte foi contemplado com um presente de inestimável valor de conhecimento da cultura brasileira: a Coleção completa de José Bento Renato Monteiro Lobato, através do seu doador, o acadêmico Dix-sept Rosado Sobrinho e da Coleção Mossoroense. Ressaltando a grande importância para o leitor infanto-juvenil ou adulto na acessibilidade da leitura e conhecimento da cultura brasileira".

Os setores da biblioteca estão funcionando de uma forma que possa atender cada vez melhor o usuário e possa produzir cultura de acordo com as datas comemorativas. Este é um dos planos organizacional da biblioteca, apesar das muitas dificuldades de caráter financeiros e de manutenção.

(Continuação)

Estatística do mês de fevereiro/2019

Auditório América Fernandes Rosado

* Reunião do Sindicato dos vigilantes bancários (SINDSEGUR) com 40 participantes — Responsável Antônio Pinheiro Costa;
* Reunião da Secretaria de Saúde com 42 participantes;
* Reunião com agentes de saúde e endemia com 48 participantes;
* Reunião do Conselho Municipal de Saúde com 29 participantes;
* Posse da nova diretoria do Centro estudantil Mossoroense com 32 participantes;
* Reunião do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (COMDICA) com 39 participantes.

Salas de eventos Marieta Lima

* Reunião pequeno infratores da Secretaria Municipal de Saúde com 28 participantes.

Segue, abaixo, a estatística setorial da biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte:

Setores	Número de Usuário de cada setor
Recepção (visitante em geral)	191
Acervo geral	34
Acervo de Referência	00
Hemeroteca	08
Coleção Mossoroense (acervo da biblioteca municipal)/Coleção RN	03
Coleção Mossoroense (Fundação Vingt-un Rosado)	14
Acervo infantil	28
Estudo Coletivo	-
Empréstimo	15
Devolução	09
Carteira de Usuário	00
Auditório América Fernandes	230
Salão Marieta Lima – Eventos	28
Estudo individual	-

O horário normal de funcionamento da Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte, os leitores podem acessar de segunda à sexta, das 8h às 19h ao público em geral.

Já para o acesso à Fundação Vingt-un Rosado e acervo da Coleção Mossoroense, localizados no terceiro andar da biblioteca municipal, o horário de visitas neste setor é de segunda à sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h às 17h.

Funciona também em horários extraordinários para eventos agendados. Para agendar sua visita ou para eventos, entrar em contatos pelos números: (84) 3315-5177 / 3315 5178 ou 3315 5179 e falar com Júlia Azevedo ou ainda pelo endereço virtual https://www.facebook.com/bibliotecaneypontesduarte.

Notícias do Museu Histórico Lauro da Escóssia

O Museu Histórico Lauro da Escóssia esteve funcionando brilhantemente neste mês de fevereiro. Foi computado um total de 224 visitantes. Destes, dividido em 159 sem agendamento prévio e 65 com agendamento 02 com agendamentos da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) e Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). Ambos campus Mossoró-RN, para atividades sobre a história local.

A faixa etária para este mês, houve uma crescente entre visitantes acima de 15 anos de idade. A composição ficou da seguinte forma: 0-14 (8%) - 15-29 (60%) e a partir de 30 anos (32%). Veja o quadro abaixo:

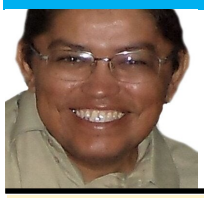
De 0 a 14 anos	56%
De 15 a 29 anos	24%
Acima de 30 anos	20%

Das cidades que fizeram visitas, o destaque para a cidade de Mossoró, mostrando cada vez mais o interesse da população local no museu. Segue, abaixo, a cidade/estado e seus respectivos números de visitantes:
Mossoró/RN - 133; Natal/RN - 09; Fortaleza/CE - 16; Casa Nova/BA - 02; Upanema/RN - 02; Messias Targino/RN - 04; Areia Branca/RN - 07; Carnaubais/RN - 02; São Paulo/SP - 07; João Pessoa/PB - 04; Uberlândia/MG - 03; Linhares/ES - 02; Dois Irmãos/RS - 03; São José do Campestre/RN - 02; Patu/RN - 02; Icapuí/CE - 02; Balneário Camboriú/SC - 02; Osasco/SP - 02; Severiano Melo/RN 02; Assu/RN - 02; Portalegre/RN - 02; Juazeiro do Norte/CE - 02.

A Academia Mossoroense de Artistas Plásticos (AMARP) realizou reunião na sala a ela destinada para avaliação das suas atividades e planejamento das demais atividades vindouras.

Equipe da Associação de Produtores da Feira Agroecológica de Mossoró (APROFAM) esteve realizando mais feiras de orgânicos no pátio externo do museu. Esta feira acontece a mais de 11 anos e sempre com grande interesse popular

O museu preserva a memória cultural da sociedade, a partir dos seus conceitos e características, bem como dos materiais coletados durante a sua trajetória. Visite o Museu Histórico Lauro da Escóssia. No Museu Histórico Lauro da Escóssia você conhece sua história, sua cultura e ainda aprende sobre ela. Agende sua visita, através dos contatos: (84) 3315-4778/4776 ou (84) 9-8103- 3810 (WhatsApp). O horário de funcionamento é de terça à sexta, das 7h30 às 13h e aos sábados, das 7h às 11h. Funciona também em horários extraordinários, desde que seja devidamente agendada a visita.



Eriberto Monteiro
eribertomonteiro@hotmail.com

Dicas de Leitura

As Dicas de Leitura deste mês tem a honra e o dever de homenagear o grande escritor Paulo Medeiros Gastão, falecido no último dia 4 de março.

Paulo de Medeiros Gastão era membro do conselho fiscal da Fundação Vingt-un Rosado e estava com problemas no pulmão e encontrava-se internado na antiga Casa de Saúde Santa Luzia, em Mossoró/RN.

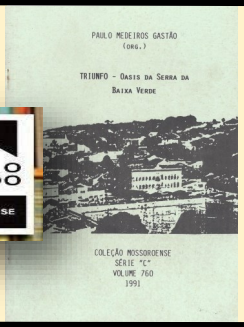
Além destas obras citadas abaixo, Paulo Gastão é autor de inúmeros trabalhos de grande relevância para leitores, estudiosos, pesquisadores e curiosos em geral.

A falta dele será muito sentida, mas seu legado continuará como sua marca inconfundível. Aos interessados, boa leitura.

Seriema — Ave em extinção

Autor: Paulo Medeiros Gastão - Volume: 1721 - Ano: 2011 - Série B - 24 páginas - Formato: 14,5 x 20,5

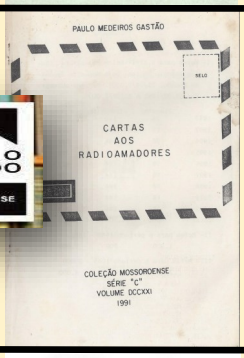
Obra relata sobre a seriema, ave ameaçada de extinção, originária dos cerrados e descampados do Brasil central. O autor traz uma descrição da ave, também presente no Paraguai, Uruguai e Argentina.



Triunfo - Oásis da Serra da Baixa Verde

Autor: Paulo Medeiros Gastão (org.) - Volume: 760 - Ano: 1991 - Série C - 81 páginas - Formato: 15 x 21

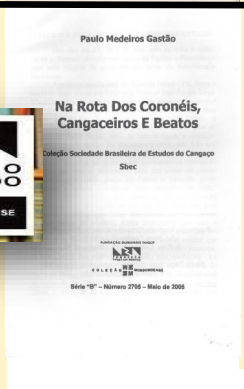
O autor Paulo Gastão faz um aparato histórico geográfico sobre sua cidade natal, Triunfo, cidade do sertão pernambucano.



Cartas aos Radioamadores

Autor: Paulo Medeiros Gastão - Volume: 721 - Ano: 1991 - Série C - 54 páginas - Formato: 15,4 x 21

Esta obra traz a transcrição de inúmeras correspondências enviadas e recebidas pelo autor relacionadas ao radioamadorismo, outra grande paixão de Paulo Gastão.



Na Rota dos Coronéis, Cangaceiros e Beatos

Autor: Paulo Medeiros Gastão - Volume: 2706 - Ano: 2005 - Série B - 27 páginas - Formato: 14,3 x 21,6

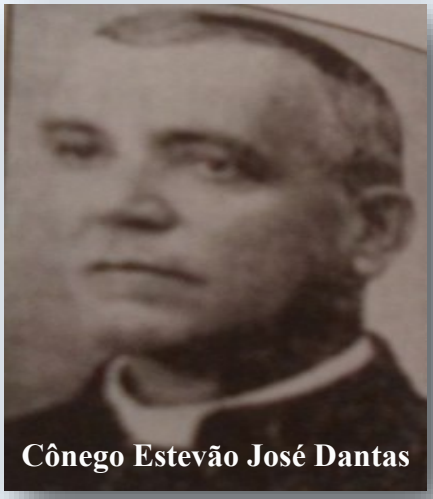
Pequena obra sobre o cangaço do estudioso Paulo Gastão. Ela é indicada para quem está pesquisando sobre o sertão nordestino, pois traz o roteiro das cidades onde tem abrangências do coronelismo, cangaceiros e Beatos.

Geraldo Maia do Nascimento
gemaia1@gmail.com

COLÉGIO DIOCESANO SANTA LUZIA

Dia 02 de março de 2015, o Colégio Diocesano Santa Luzia completa aniversário de atividades. É uma data importante não só para a cidade de Mossoró como também para todo Estado do Rio Grande do Norte, já que pelos bancos do Santa Luzia passaram diversas personalidades que atuaram e atuam nos diversos campos do conhecimento humano.

A ideia da fundação do Colégio Diocesano Santa Luzia surgiu quando da 1ª visita pastoral do Bispo Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, em 30 de janeiro de 1900. Durante o tempo que durou a visita, Dom Adauto em conversa com os paroquianos, sentiu que a maior aspiração do povo mossoroense era a criação de uma "casa de educação moldada nos princípios evangélicos". Foi pensando em atender a essa necessidade que o Bispo reuniu os cidadãos de maior projeção da cidade, para discutir a possibilidade da instalação de um educandário, já no ano seguinte, que preenchesse os requisitos mais indispensáveis à formação intelectual dos jovens, dentro dos princípios cristãos. Aceita a ideia da criação do educandário, os presentes se comprometeram a adquirir prédio e mobiliário que se adaptasse a tal fim. Para tanto, foi composta uma comissão formada por: Cel. Miguel Faustino do Monte, comerciante; Dr. João Dionísio Filgueira, Juiz de Direito da Comarca e o Dr. Francisco Pinheiro de Almeida Castro, médico e político. Sem perda de tempo, a comissão angariou, junto a todas as classes sociais, os recursos necessário para a aquisição de cinco casas, na rua 30 de setembro, hoje Rua Dix-sept Rosado, onde se localiza atualmente a Agência Central do Banco do Brasil.


Cônego Estevão José Dantas

No dia 22 de fevereiro de 1901 chegou a essa cidade o Cônego Estevão José Dantas, para em nome de S. Excia. Revma. O Sr. Bispo diocesano, fundar e dirigir um Colégio de Instrução primária e secundária. Foi assim que em 02 de março de 1901, num dia de sábado, às doze horas do dia, no prédio onde deveria funcionar o colégio, se reuniu autoridades e cidadãos mossoroenses, sob a presidência do Reverendíssimo Cônego Estevão José Dantas, para oficializar o ato de fundação do estabelecimento de ensino, que passaria a se chamar: "Collegio Diocesano de Sancta Luzia de Mossoró", conforme consta na Ata de instalação do colégio.

(continuação)

Em princípios de outubro de 1901, foi iniciada a construção de um novo edifício, no mesmo local das velhas casas, para atender as necessidades crescentes de um colégio que abrigava não só alunos de Mossoró, como também de comunidades vizinhas que entregavam a educação de seus filhos aos cuidados do Cônego Estevão Dantas.

O jornal "O Mossoroense" em seu nº 86 de 30 de novembro de 1905, comentava o encerramento daquele ano letivo com as seguintes palavras: "A 25 do corrente fechou o ciclo de seu primeiro lustro letivo o Colégio Diocesano que nesta cidade funciona sob a invocação de Santa Luzia e obedece à competente direção do respeitável Senhor Cônego Estevão José Dantas. Três são os poderosos fatores a que Mossoró deve este importante instituto de educação e instrução que tão relevantes serviços vai prestando à mocidade deste e dos Estados vizinhos: à bem inspirada iniciativa do Exmo. Sr. Bispo Dom Adauto e o concurso generoso e franco da população abastada desta cidade de um lado e a ação decidida, perseverante e orientada do Cônego Estevão Dantas, de outro, a quem, em boa hora, fora confiada a melindrosa e pesada tarefa da fundação e direção do estabelecimento, desde a construção do edifício até à completa organização técnica do instituto. Grandes foram as dificuldades a superar no desempenho dessa tarefa utilitária, as quais longe de entibiarem, ao contrário, foram outros tantos incitamentos aos resolutos desígnios do operoso paladino da nobre ideia em ação.

O Cônego Estevão permaneceu na direção do Colégio Diocesano Santa Luzia desde a sua fundação em 02 de março de 1901 até 17 de fevereiro de 1907, quando solicitou afastamento para tratamento de saúde. Já havia cumprido sua missão: plantou a semente de um educandário que a 114 anos vem prestando relevantes serviços ao povo de Mossoró, conservando o mesmo pensamento que é a de dotar os jovens de conhecimentos indispensáveis à formação intelectual, dentro dos princípios cristãos.

Os internautas têm mais uma ferramenta sobre Mossoró e região: o canal "Na História", do escritor e historiador Geraldo Maia do Nascimento.

São fragmentos da história de Mossoró, que, segundo o próprio idealizador, "…pequenas histórias para compor a concha de retalho que é a história da nossa cidade".

A Ferramenta audiovisual ajudará aos internautas na compreensão da história de Mossoró ao longo da sua construção nos mais diversos assuntos.

Geraldo Maia, além de renomado escritor com obras publicadas pela Coleção Mossoroense, lançou cordéis com o mesma pedagogia informativa e selo editorial.

Para quem tem interesse em acessar e conhecer sobre os demais assuntos de Mossoró neste novo ferramenta informativa, acesse o canal, curta, compartilhe e inscreva e ative o sininho. Valorize nossos historiadores. Valorize nossos escritores. Valorize a nossa Coleção Mossoroense.

Cantinho da Poesia

Cruzada Divina

Zenóbio Oliveira das Aguilhadas

Galopada de feras indomadas,
Montadas por ginetes paladinos,
Com arpões e gládios viperinos,
Na mais sacrossanta das cruzadas.
É a marcha das honras ilibadas,
Contra essa ditadura de ateus,
Pervertidos, corruptos, fariseus,
Em prol da salvação dos bens morais,
Por nossos filhos e por nossos pais,
Por mim, por ti, por nós, por Deus.

Sorria Sempre

Yáscara Samara

Sorria sempre , sorria!
A vida mesmo conturbada, Sorria!
A alegria é a melhor coisa, sorria!
Ele contagia, sorria!
Mesmo estando triste, sorria!
O sorriso é o cartão postal, sorria!
A harmonia da mística razão de encantar, sorria!
Retribua um sorriso, dê altas gargalhadas do nada, sorria!
Dê agora a sua , vai é de graça, Sorria!
Ame a vida, seja alegre , sorria!
Sempre sorrir, é a melhor maneira de existir...

Poema Eterno - Homenagem a Maria Adélia Fernandes

Kennedy Fernandes

Ainda está de pé a árvore mais velha do bosque devastado;
Ainda está de pé a última folha do outono;
Ainda está de pé a vontade do fogo;
Ainda está de pé o sentimento do mundo;
Ainda está de pé a água do sertão;
Ainda está de pé a borboleta mais linda do jardim
Ainda está de pé o castanho do seu olhar;
Ainda está de pé o renascer da primavera há 43 anos
Ainda está de pé a vida.

Sem ti

Josselene Marques

Sem ti nossa casinha se agiganta.
Com a tua ausência, não a sinto lar.
Tua falta provoca nó na garganta
E incontrolável vontade de chorar.

Sem ti instala-se a solidão...
E esta tua companheira reclama peito,
Voz mansa, carinho, compreensão,
Segurança e amor – perdida no espaçoso leito.

Sem ti os ponteiros giram em marcha lenta,
Ansiosa, imploro que o relógio acelere.
De súbito, apercebo-me sonolenta...
Durmo – o sono trar-te-á sem que eu muito espere.

Educar é caminhar

vittopoeta

Educar é caminhar
Pelas veredas da vida
É buscar uma saída
No fugaz da esperança

É compreender a criança
Isolada, reprimida
Estimular a mudança
Bater de frente com a sina
E as vezes cair na dança

É dialogar com o mistério
Ter postura madura
E critério
É virtude em abundância

Pioneirismo e liderança
Caso o barco tremilique
O educador dá um palpite
E muda a rota do acaso

Vira exemplo sem ser chato
Caso o chafurdo duplique
Educação é ter pique
E nunca ficar acomodado

Cantinho da Poesia

Saudade
Maria das Graças Henrique

Não mais onde guarda tanta saudade;
Saudade de você;
Saudade do seu olhar;
Saudade do seu tocar
Saudade do seu sorriso;
Saudade dos motivos que te levaram até a mim;
Saudade de ver chegar;
Saudade de ver sair;
Saudade de te ouvir falar "eu te amo";
Essa saudade é tão intensa
E no meu peito ela faz morada,
Para suas lembranças ser mais e mais SAUDADE!
E parece que o tempo não passa!

Fogo
Alexandre Filho

Há solidão
Nós temos fogo
temos desejos
e segredos demais.
Carregamos estrelas
Voamos que nem borboletas
Corremos o risco de nos
afogarmos no que não dizemos
Mas ainda bem que expressamos
em nossos olhares.
Seguimos Viajamos Exploramos
Nossos corpos.
Escutamos um velho barbudo
e cabeludo que canta músicas populares.
E a solidão que antes
nos afligia Esmorece
Desaparece.
As nossas camisas
se mancham de vermelho
E o coração se agita diante do rubro.
A gente mal chega e já se aprochega
sem perder tempo ficamos colados brincando.
Enquanto pela janela a solidão se esvai.

Assoa Assim
Marcus Vinícius

Agasalho dentro de mim
Essa poesia vigarista
De banheiros públicos
E paradas de ônibus...

Essa que não tem
Ônus
Nem motivos aparentes.

Agasalha em mim
A poesia caolha
Desviada
Estampada de desgosto:
Poesia insipida e inodora.

A poesia arrotada
Nos copos aguardentes
A poesia aderente
do suor barato.

Agasalho em mim
A poesia do soro positivo
Estampada no preconceito.
A poesia sovaquiera
dita entre os dentes...

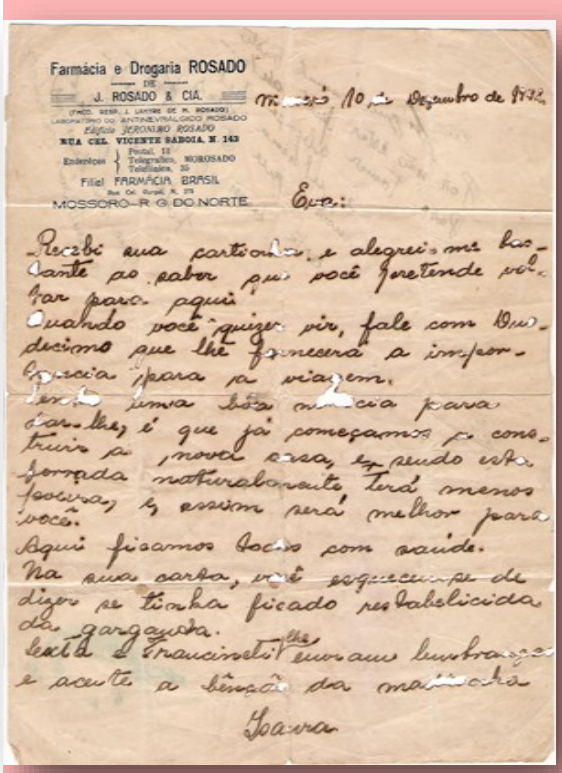
Agasalho as sombras sem mim
Das metáforas insanas
Toda poesia urbana
Que não tem para onde ir.

A Poesia
Solidade Souza

Fazer poesia
É uma maneira de
Vê a vida diferente, Mais contente.
A poesia está Em todo lugar:
No céu azul
Na noite de luar
No beijo dos namorados
No Sol a brilhar.
Na alegria e
No amor
E até na dor
Existe poesia.

Jerônimo Dix-sept Rosado Maia Sobrinho
dixsept@uol.com.br

70 anos da Coleção Mossoroense - 24 anos da Fundação Vingt-un Rosado



Farmácia e Drogaria ROSADO
J. ROSADO & CIA.
Mossoró 10 de Dezembro de 1972
Jerônimo Rosado
RUA CEL. VICENTE SABOIA, N. 143
Endereços: Postal, 13 / Telegrafico, MOROSADO / Telefônico, 20
Filial FARMÁCIA BRASIL
MOSSORÓ — R. G. DO NORTE

Eva:

Recebi sua cartinha, e alegrei-me bastante ao saber que você pretende vir para aqui.
Quando você quiser vir, fale com Deusdedimo que lhe fornecerá a importância para a viagem.
Tenho uma boa notícia para dar-lhes, é que já começamos a construir a nova casa, e sendo esta feita naturalmente terá menos serviço, e assim será melhor para você.
Aqui ficamos todos com saúde.
Na sua carta, você esqueceu-se de dizer se tinha ficado restabelecida da garganta.
Lembranças lhe envia a Francinete e aceite a bênção da mãezinha

Isaura

Quero retomar um fato bastante curioso. Em abril de 2009 tivemos notícia, através de Igor Rosado do Amaral, meu sobrinho, filho de Diran Ramos do Amaral e minha irmã Maria Lúcia Rosado do Amaral e neto de Vingt-un e América Fernandes Rosado, esta dos Pereira e Sales lá de Minas Gerais, de uma carta escrita por minha avó Isaura Rosado Maia.

Esta carta que vai anexa, foi encontrada dentro de um livro comprado em um sebo na cidade de Barbacena, MG pelo advogado Núlio Azi Campos. Sua esposa, a senhora Neli, a enviou pelo correio, em 2 envelopes, com recomendação de cuidado com o manuseio da carta pois já muito danificada pelo tempo, ao Rosado que, com ajuda do neto, localizou pelo Orkut que foi Igor acima citado.

Ficamos todos da família Vingt-un e América muito agradecidos e comovidos com a sensibilidade daquele casal de mineiros que ilustram à perfeição a gentileza e cordialidade do povo de Minas Gerais.

Igor se correspondeu com eles e agradeceu a atenção valiosa. Eles pediram livros e notícias genealógicas da família, o que foi atendido na época.

Pela carta, se vê que Vingt-un que tinha uma caligrafia péssima, razão tinha ao elogiar a da mãe Isaura Rosado Maia como observa Maria Lúcia.

Como uma das lembranças comemorativa dos 70 anos da Coleção Mossoroense que, aliás, muitos documentos epistolares contém, damos publicação a esta carta, que relembra fatos muito interessantes de uma época. A começar pelo papel timbrado usado.

Relembro a lição tão repetida em minha casa, parece que estou a ouvir a minha mãe: “em mulher, não se bate nem com uma flor”. Saudades!

Benedito Vasconcelos Mendes
beneditovasconcelos@gmail.com

A Medicina Popular praticada no sertão nas circunvizinhanças da Fazenda Aracati

A Fazenda Aracati distava 60 quilômetros da cidade de Sobral e situava-se entre dois distritos sobralenses, Caracará e Aracatiaçu (Santo Antônio do Aracatiaçu). Da fazenda ao Caracará são 5 quilômetros e para Aracatiaçu são 15 quilômetros.

Nas décadas de 1950 e 1960 ainda não existiam estradas asfaltadas para Sobral e as frotas de ônibus e de táxis (carros de aluguel, geralmente Jeep da Marca Willys) eram muito reduzidas, contribuindo para que a grande maioria dos problemas de saúde da população sertaneja fosse tratada de maneira empírica, por profissionais locais, que praticavam a medicina caseira regional (enfermeiros de formação prática, parteiras, encanadores de braço, arrancadores de dente, raizeiros e curandeiros-rezadores), residentes nas duas vilas (Caracará e Aracatiaçu) ou mesmo em fazendas da região.

Na Vila Caracará morava o Seu João Enfermeiro, um profissional da área da saúde que tinha muita habilidade e prática para curar as enfermidades dos habitantes das comunidades rurais. Era um misto de enfermeiro, farmacêutico, dentista e de médico. Ele aplicava injeção, costurava, com linha zero e agulha grande de coser tecidos, facadas, estrepadas e outros ferimentos.

A maioria dos seus clientes era vítima de chifradas de boi, coices de burro, quedas de cavalo, mordidas de cobra e ferroadas de escorpião e de outros invertebrados peçonhentos.

Ele morava vizinho à bodega do Seu Raimundo Galdino, que vendia produtos farmacêuticos industrializados, como Cibalena, Cibazol, Melhoral, Sonrisal, Elixir Paregórico, Óleo de Rícino, Pílula de Vida do Dr. Ross, Pílula de Matos, Mercúrio Cromo e mais alguns outros remédios populares. A mulher do bodegueiro, Dona Ciça, era parteira e rezadeira, pois curava quebranto, espinhela caída, mau olhado, moleira caída e outras doenças infantis.

Na Vila de Aracatiaçu morava o encanador de braço, de nome Expedito, e o arrancador de dente Florisvaldo. Em uma fazenda próxima à cidade de Miraíma, distante 25 quilômetros de Caracará, residia Seu Raimundo Raizeiro, que vendia mezinhas, como banha de tejo, banha de raposa, de cobra cascavel, de traíra, de cágado, de jia, de galinha e sebo de carneiro capado, bem como produtos de origem de plantas, como raízes, cascas de caule, folhas, flores, frutos e sementes, que eram usados como chá, lambedor e unguento.

Um certo domingo, quando eu e meu avô tínhamos ido visitar um amigo dele na Vila Caracará, nos deparamos com uma cena incrível, em que um jovem durante um destes forrós sertanejos, que ocorrem nos dias de sábado, levou uma peixeirada, cortando o peritônio e deixando o intestino à mostra, com seus movimentos peristálticos. A vítima estava sendo socorrida por João Enfermeiro, na sombra de um pé de tamarindo, ao lado da igreja. Ele lavou bem as mãos com sabão preto, enxaguou-as com álcool, colocou o intestino da vítima para dentro da caixa abdominal e costurou com linha zero e agulha de coser pano (tecido).

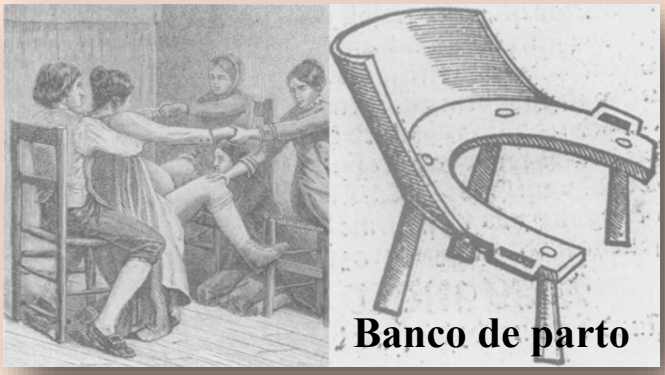
Quatro homens fortes seguravam as pernas e os braços da vítima, enquanto um lenço ensopado com éter era colocado, a pequenos intervalos de tempo, no nariz do rapaz ferido, para anestesiá-lo.

Pelos gritos que a pobre vítima soltava, via-se que a anestesia não estava surtindo efeito. Era uma cena selvagem e apavorante, que traduzia a cruel realidade da miséria e abandono em que vivia o sertanejo nordestino.

Para surpresa de meu avô, cerca de um mês depois da ocorrência desta cena, a vítima da facada apareceu na Fazenda Aracati, para comprar um reprodutor caprino, com o ferimento totalmente cicatrizado.

Minha avó tinha uma certa habilidade para o seu trabalho como parteira e fazia os partos das moradoras da fazenda e das mulheres que residiam nas propriedades vizinhas. Quando ela estava passando temporada no Sítio Frecheiras, na Serra da Meruoca, também fazia os partos das mulheres de lá.

(Continuação)


Banco de parto

Ela não cobrava pelos serviços de parteira. Minha avó tinha dois bancos de parir, um leve, de mulungu, que ela transportava de sua casa em Sobral para o Sítio Frecheiras e para a Fazenda Aracati. O outro banco era de cedro, mais pesado, que ficava permanentemente na Fazenda Aracati. O banquinho de parir feito de mulungu, hoje faz parte do acervo do Museu do Sertão.

Meus pais, com muita tristeza, com lágrimas nos olhos, certa vez me revelaram uma tragédia ocorrida com minhas duas avós, paterna e materna. Minha avó paterna, Antônia Valdemar Mendes, sertaneja, que também era parteira, em uma de suas idas a Sobral, foi chamada em situação de urgência para fazer o parto da minha outra avó materna, Maria da Glória Vasconcelos, quando houve uma complicação no parto e minha avó veio a falecer. Ela morreu de parto do meu tio José Helder Vasconcelos.

Depois de algum tempo, quis o destino que minha mãe contraísse matrimônio com meu pai. Um outro fato de sucesso da prática da medicina popular que testemunhei foi quando o Seu Expedito encanou o braço de uma criança de 7 anos, neto do vaqueiro Sales e filho do Tonho da Dona Lourdes, que tinha fraturado o rádio, numa queda de cavalo.

Ele puxou o braço da criança, colocou as duas pontas do osso (rádio) no lugar, confeccionou as talas de imobilização com talos de folhas de carnaubeira e fez a imobilização do braço, amarrando as talas com linha zero. Semanalmente, o Seu Expedito olhava o braço quebrado do menino, para ver se estava torto. Depois de algum tempo, o encanador de braço retirou as talas de carnaubeira e o braço estava encanado, com os ossos soldados corretamente.

Vem aí:

Joaquim de Fontes Galvão: educador especial

José Edilson de Albuquerque Guimarães Segundo
Escritor, Pesquisador e Biólogo (Mossoró-RN)

Resgatar é preciso. Por essa razão, eu venho dividir com os leitores a grata satisfação em fazer um breve registro sobre um admirável conterrâneo, exemplo de vida a ser seguido: Joaquim de Fontes Galvão (Fontes Galvão). Não parece ser exagero afirmar que sua história caberia num livro.

Fonte da foto: Dalila Galvão

Joaquim de Fontes Galvão nasceu em 2 de maio de 1902, em Mossoró, na rua Coronel Gurgel, onde depois funcionaria a Casa Bancária S. Gurgel. Era filho de Olinto Lopes Galvão e de Cândida de Fontes Galvão.

Olinto Lopes Galvão nasceu em 7 de fevereiro de 1864, no sítio Alto dos Patacões, localizado na cidade de Campo Grande-RN. Era filho de João Lopes Galvão, Coletor de Rendas Gerais, em Campo Grande-RN e de Maria Ferreira de Melo, da família Cascudo. Casou-se em 30 de abril de 1892 em Mossoró com Cândida de Miranda Fontes nascida em 23 de outubro de 1876 em Lavras de Mangabeira-CE, filha de Joaquim do Firmo Ferreira Fontes e de Mafalda de Miranda Fontes. A mãe de Cândida, Mafalda, enviuvou e casou pela segunda vez com Clemente Lopes Galvão (1860 -1924), irmão de Olinto. Dessa união, surgiram novos descendentes, sendo irmãos de Cândida (por parte de mãe) e sobrinhos de Olinto.

Em Mossoró, Olinto constituiu família e desenvolveu atividades comerciais exitosas. Ainda em Mossoró, fundou em 1894 a sociedade mercantil Clemente Galvão & Cia. - negociante de fazendas e que tinha também como sócio, seu irmão Clemente Galvão. Teve atuação política. Foi suplente de intendente (vereador) na legislatura de 1892 a 1895. Olinto assumiu o cargo de intendente, em 23 de julho de 1894, por ocasião da saída do Presidente da Intendência (Prefeito) e seu irmão, Romualdo Lopes Galvão (1853-1927), que se transferiu para Natal e pela renúncia de Horácio de Azevedo Cunha.

Em 1910 estabeleceu a firma individual Olinto Lopes Galvão, em Açu, com o mesmo ramo comercial mantido em Mossoró. Posteriormente, em 1916 passou a residir em Natal, onde ocupou o lugar de segundo suplente de Procurador Geral da República, sendo eleito mesário efetivo da 7ª Seção Eleitoral.

Em 1920, juntamente com o irmão Clemente Galvão comprou a casa de ferragens "*O profeta*", pertencente ao seu parente e conterrâneo, Coronel Francisco Cascudo. Com o novo empreendimento adquirido denominado C. Galvão & Cia. no mesmo ramo de negócios, da qual fez parte até o seu falecimento, ocorrido em 11 de abril de 1930, em Natal, aos 66 anos de idade. Está sepultado no Cemitério do Alecrim. Do seu matrimônio com Cândida de Fontes Galvão, falecida em 6 de abril de 1957, em Natal, nasceram os filhos: Antônio, Esther, Hercílio, Joaquim, Mafalda, Dalila, João Batista, José Olinto, Maria Cândida e Olinto Filho.

O jovem Joaquim iniciou seus estudos no Grupo Escolar Coronel José Correia, na cidade de Açu-RN e depois no Ginásio Santa Luzia (Colégio Diocesano Santa Luzia), em Mossoró. Passou depois a estudar no Colégio Santo Antônio (Colégio Marista), em Natal.

Em 24 de dezembro de 1917, na localidade Mulungú, na cidade de Macau-RN, foi acometido de paralisia nas pernas, aos 15 anos de idade. Na busca de tratamento, depois de 9 meses de sofrimento, o jovem mossoroense foi transferido para o Hospital Juvino Barreto, na capital potiguar. Naquele hospital, provavelmente em 1918, iniciou sua atividade jornalística, escrevendo em "*A Imprensa*", jornal de propriedade do Coronel Cascudo (pai de Luís da Câmara Cascudo). Mesmo limitado fisicamente, era assíduo colaborador nos jornais locais.

(Continuação)

Em 1923 viajou ao Rio de Janeiro com a esperança de restabelecimento da enfermidade que o acometia, sendo improfícuos os recursos médicos da época.

Em 1925 tornou-se espírita. No ano seguinte, publicou um trabalho "*Minha Profissão de Fé*", cuja leitura foi proferida no antigo Centro Espírita Agostinho Hipona, situado à rua Apodi, em Natal. Com a fundação da Federação Espírita Riograndense do Norte foi eleito presidente.

Em 1927, a população natalense sofria com o surto de tifo. Por essa razão, ele promoveu conferências ensinando os meios profiláticos. Uma dessas palestras, intitulada "*Pela Saúde Pública*", realizada no Centro Operário Natalense, em 30 de outubro de 1927, foi publicada na forma de folheto.

Partidário da Aliança Liberal, foi Fontes Galvão que saudou o deputado Batista Luzardo, na Avenida Tavares de Lyra, quando da visita a Natal da caravana chefiado pelo eminente tribuno, em 7 de fevereiro de 1930. O seu belo e vibrante discurso foi reprimido violentamente, tendo essa manifestação terminada em tiroteio protagonizado pelos seus adversários políticos. Naquela noite, contra o povo indefeso, ele só sobreviveu no meio da multidão, graças ao irmão João Batista Galvão, que o levou nos braços. A sua cadeira de rodas foi espatifada.

Sobre o infausto acontecimento anteriormente mencionado, sua sobrinha paterna, Dalila Santa Rosa Galvão, relatou, em obra literária de sua autoria: "*Desse episódio, sobrou-me a lembrança simbólica da bandeira brasileira perfurada pelos tiros. Imagem que compõe a capa do livro*". A obra, em questão "*Quando Papai Chegar...*", (Unilivreira, de Natal, em 2017), como o próprio titulo sugere trata da biografia do seu pai, João Batista Galvão (1910-1975). Além do seu pai, ela presta uma bela homenagem ao tio, escrevendo o artigo: "*Joaquim de Fontes Galvão (Seu Quinca), um exemplo de coragem*".

Educador de vastos conhecimentos foi um dos abnegados mestres na formação intelectual da juventude. Foi diretor da Imprensa Oficial do RN. Atuou no jornalismo potiguar, sendo diretor do jornal "*A República*", na época da Revolução de 30. Por conta de sua participação política chegou a ser proibido de publicar artigos nos jornais locais. Por essa razão, passou a escrever no jornal "*A Manhã*", do Rio de Janeiro e "*Diário da Manhã*", de Recife, do qual era correspondente. Fontes Galvão foi um dos pioneiros da emancipação política feminina no Rio Grande do Norte, ao escrever na revista *Vida Doméstica*, do Rio de Janeiro e em outros jornais natalenses.

Desiludido com o idealismo de alguns revolucionários abandonou a política, passando a se dedicar de corpo e alma ao ensino particular, criando o Curso Fontes Galvão. Foi um autodidata. Não obstante, conseguiu pelo seu esforço pessoal, amealhar admirável conhecimento que transmitia a sua legião de alunos.

Seu Quinca, como também ficou conhecido, movimentava-se com dificuldades. Alcançava os quadros negros somente com sua bengala. Ministrava suas aulas, numa cadeira de rodas.

Ensinava, diariamente, das sete da manha às nove horas da noite, com intervalos apenas para as refeições. Suas turmas de estudantes chegavam a 200 alunos por dia.

Tal esforço, contribuiu para o agravamento de sua saúde, vindo a falecer, em 19 de julho de 1944, na casa, número 248, da rua João Pessoa (já demolida), onde viveu a maior parte de sua vida, deixando a mulher Lídia Dantas Nogueira Galvão, com quem havia se casado em 1932 e a filha, Paula Frassineti de Fontes Galvão. Foi sepultado no cemitério do Alecrim, onde jazem vários familiares seus.

Logo após o seu falecimento, um dos seus alunos mais ilustres, o conceituado jornalista Romildo Gurgel publicou expressivo perfil: "*Uma Homenagem Póstuma*". Publicado no jornal "*A República*" de 20 de agosto de 1944. Das suas impressões sobre o seu professor, pode ser destacada: "*Fontes Galvão foi o maior idealista que vi em toda a minha vida*".

Em sua homenagem, na capital potiguar existe o Centro Espírita Fontes Galvão, localizado na rua São João no bairro Rocas, a Escola Prof. Fontes Galvão, situada na rua Gal. Cordeiro de Farias, no bairro Petrópolis. É nome de via pública, rua Prof. Fontes Galvão, localizada entre o Colégio Marista e a Catedral Metropolitana, no bairro Cidade Alta, em Natal.

(Continuação)

A homenagem como nome de via pública merece um registro especial porque foi envolta de adversidades. A Câmara Municipal de Natal, por sugestão do vereador Antônio da Cruz Gouveia, em 21 de outubro de 1948, aprovou por unanimidade de votos, a mudança do nome da rua Camboim desta Capital, para Prof. Fontes Galvão, muito embora, o então Prefeito Sílvio Pedroza tenha vetado o projeto de homenagem ao ilustre morto. E o legislativo municipal, em desagravo à memoria do extinto, resolveu, por unanimidade, que fosse denominada a rua Camboim para Prof. Fontes Galvão, conforme Resolução nº 18 de 2 de dezembro de 1948, assinada pelo Presidente da Câmara Municipal de Natal. Mesmo assim, o então prefeito, anteriormente citado desobedeceu à resolução do povo natalense, representada pelos seus vereadores. E, somente o Prefeito Claudionor de Andrade, numa homenagem toda especial, tendo a frente o jornalista Djalma Maranhão, orador oficial da solenidade e o vereador Antônio Gouveia, que discursou em nome da Câmara Municipal, pôde inaugurar, na manhã de 16 de abril de 1950, a "*Rua Prof. Fontes Galvão*", cujas placas foram beijadas por suas genitora, antes do emplacamento, e foram cobertas durante a solenidade, com a bandeira nacional perfurada pelas balas do tiroteio da noite de 7 de fevereiro de 1930, por ocasião da chegada da Caravana Luzardo a Natal, da qual o ora homenageado fora orador.

Em sua cidade natal, recebeu homenagem, graças à iniciativa de seu ilustre conterrâneo, Vingt-un Rosado. Para isso, reuniu uma coletânea de artigos, resultando na plaquete: "*Joaquim de Fontes Galvão, ou o Guerreiro do Magistério Potiguar no Memorial dos Mossoroenses*" (Coleção Mossoroense, em fevereiro de 2003). Foi merecidamente lembrado por outro brilhante educador, o mossoroense Mário Cavalcanti (1900-1977), no livro "*A Tragédia do Mestre-Escola*" (Coleção Mossoroense, em novembro de 2002). O artigo "Um triunfador" fez uma bela reverência a sua trajetória de vida, como pode ser observado em determinado trecho: "*Inteligência robusta, a sua obra literária, esparsa na imprensa diária, é simplesmente admirável. Jornalista combatente. Doutrinador. Vibrante. Vigoroso. Convincente. Dialética poderosa. Sonhador. Idealista. Revolucionário de 30, dirigiu "A República" e os seus editoriais eram vazados em linguagem superior e escorreita, do mais puro e são idealismo*".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, Mário. *A tragédia do mestre-escola*. 2ª edição. Mossoró-RN: Fundação Vingt-Un Rosado: Coleção Mossoroense. 2002. 201 p.

GALVÃO, D. S. R. Quando Papai Chegar.... Natal-RN: Unilivreira. 2017. 120 p.

GALVÃO, J. B. GALVÃO, J. B. *Subsídios para a História da Abolição do Cativeiro no Rio Grande do Norte*. Mossoró-RN: Coleção Mossoroense, 1982. 96 p.

ROSADO, V. Joaquim de Fontes Galvão, ou o Guerreiro do Magistério Potiguar no Memorial dos Mossoroenses. Mossoró-RN: Fundação Ving-un Rosado: Coleção Mossoroense, 2003. 20 p.

Jornal Diário de Natal, edição 7104 de 7 de fevereiro de 1964, página 2, encontrado no site: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_01&pesq=olinto%20galv%C3%A3o

Quer ver sua poesia/poema/artigo publicado no informativo da Fundação Vingt-un Rosado, Novo Boletim Bibliográfico ? Envie seu trabalho para os seguintes contatos:

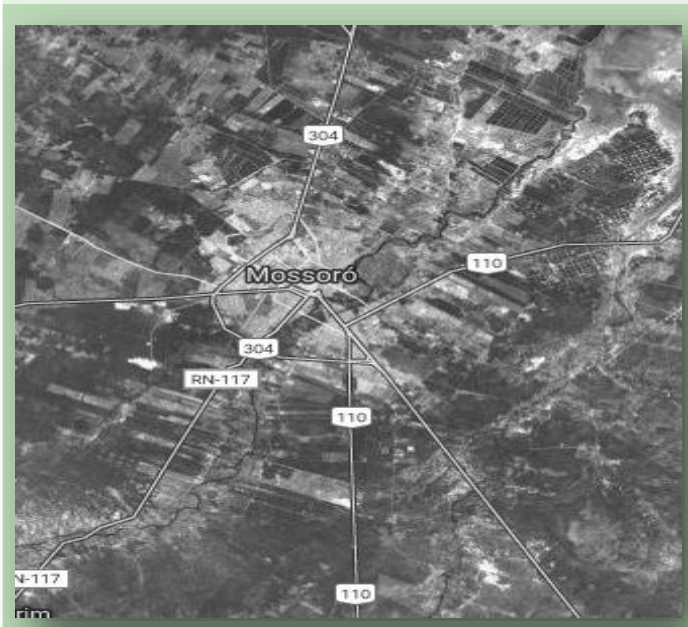
(84) 98886 0520 (WhatsApp) ou pelo **e-mail: fvrcm@uol.com.br**

FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO MOSSOROENSE

Wilson Bezerra de Moura
wilsondefatima@hotmail.com

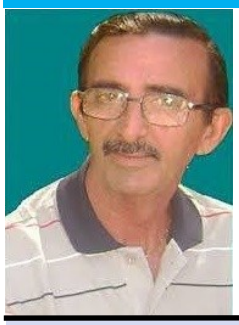
O território mossoroense



A faixa territorial da primitiva povoação de Santa Luzia, segundo nos foi repassado pelo historiador nato Francisco Fausto de Souza, confirmado por Vingt-un, ficou assim determinada: entre o Norte e o Sul, ficava a faixa do povoado que viria se constituir cidade. À Leste e Oeste, pequenas elevações montanhosas a exemplo da Serra do Carmo, que vai pela Serra do Mel até o Oceano Atlântico, assim como a Serra Mossoró que se estendendo do município do Apody vai até o também Oceano Atlântico terminando no morro de Tibau, onde se dividem os Estados do Rio Grande do Norte e Ceará.

A extensão da região do município, que era coberto de bosques e matas, servindo para o cultivo agrícola e criação de animais, estimulando o desenvolvimento comercial, na época promissora por se tornar centro importador de mercadora de localidades vizinhas e exportadora, por ser um município com condições de exportar produtos para diferentes praças do país, a exemplo do algodão.

Facilitou o desenvolvimento comercial a criação em Mossoró de uma mesa de Rendas ou Alfândega, que servia para o controle e cobrança de impostos da produção e comercialização da atividade comercial. Até porque, pelo fato de Mossoró se limitar com Aracati o Ceará, com Apody, Caraúbas, Assu que já eram mais antigas e mantinham possibilidades econômicas. A região do Porto da Ilha, como era conhecido Porto Franco, pegando pelo Rio Mossoró ao Oceano, era feito o transporte marítimo que iriam até lá por comboios de animais, que depositavam a mercadoria pelo comerciante Joaquim Nogueira da Costa e Clementino de Góis Nogueira, muito embora lá pelos idos de 1865 o cidadão João Francisco das Chagas Costa tenha edificado a primeira casa naquela região, hoje grossos, antes Fazenda de Santo Antônio. Sinais dos primeiros povoados, também chamados povoados a partir de Santo Antônio, cuja terra antes era chamada de povoação do Porto da "Ilha" que antes era uma fazenda de criar pertencente ao tenente coronel João Joaquim Guilherme de Melo, justamente uma das famílias que povoou Mossoró. Este terreno plano, arenoso, ficava situado à margem esquerda do Rio Mossoró, que também era chamado de "Ilha e Fora", um povoado com algumas casas de morada e pequenos estabelecimentos, em cuja área o Governo do Município mantinha uma escola primária.



Antonio Filemon Rodrigues Pimenta
filemonamol@hotmail.com

Estreia de um ator

Abre-se a cortina para o primeiro ato. Lá estava eu, com meus quase quatorze anos, para representar pela primeira vez sob as luzes da ribalta. Na primeira fila estava meu pai. Filemon Pimenta, juiz implacável, para analisar se seu filho podia continuar na arte da representação. O seu veredicto foi razoável: "com bastante ensaio, daqui a dez anos poderá representar Shakespeare".

Isso foi logo após a revolução de 1964. O palco era por Círculo Operário Cristão, no velho Clube da Juventude Dom Jaime de Barros Câmara, pertencente à paróquia de São José. Os clubes como esse posteriormente foram substituídos pelos grupos de jovens das paróquias, e dentre tantas atividades recreativas e educacionais, foi formado um grupo de teatro, o Teatro de Estudantes de Mossoró.

Foi precisamente no dia 28 de maio de 1964 a apresentação da peça "Dr. FacTotum", de autor desconhecido. A direção era de Raimundo Vieira de Souza, o qual, por motivos profissionais (era funcionário do Banco do Nordeste), passou a assinar-se Reve de Souza". Ele também era na ocasião o presidente do clube e tinha muitas atividades, inclusive escrevia textos teatrais para o grupo, como "Os Malassombros do Sr. Vigário", e Sublime Sacrifício", entre tantos outros.

Nessa peça, eu desempenhava o papel de Chico, espécie de secretário desenroladas do Dr. Fac-Totum, um faz tudo. Reve de Souza fazia o próprio Dr. Fac-Totum; João Batista Júnior, o Lili, goleiro, de um time que nunca era convocado—este já foi representar em outros palcos, para bandas do Recife/PE, juntamente com seu pai, o professor João Batista, dos paredões. José Nilton desempenhava o papel de Lísio, era um tremendo farrista, aliás, um papel muito bem interpretado pelo seu etílico, e só Deus sabe que destino o Nilton tomou. Pafúndio era Luiz Moura de Barros (funcionário do Banco do Brasil, hoje aposentado), que representava o papel deum desocupado. Seu Manuel (Português) ficou como desempenho do nosso amigo Ernani José Gonçalves, hoje desfrutando os encantos da Cidade Maravilhosa, Rio de Janeiro. E Carlinhos (Míope), José Victor de Carvalho Júnior, naquela época bem magrinho, que teve suas atividades profissionais na antiga ESAM, hoje desfrutando a merecida aposentadoria.

O cenário ficou a cargo do saudoso Luiz Varela, que já naquele tempo mostrava criatividade com as tintas nos quadros artísticos; com sua arte hoje está colorindo as flores do jardim do Éden. Foi assim a estreia do TEEM e deste ator, quando os ingressos foram os convites para familiares dos atores e outros convidados para assistirem aos jovens do Clube da Juventude Dom Jaime Câmara, para apreciarem os seus dons artísticos na arte de representar.

Eu, com minha pouca experiência como estreante, não podia deixar que as pernas parassem de tremer ao notar na plateia vários atores do TEAM (Teatro Amadores de Estudantes de Mossoró), um grupo que já era naquele tempo famoso e respeitado, premiado nos festivais de teatro nacional do Rio Grande do Sul. Ainda mais tremeram as pernas quando um lençol que servia de cenário oi notado por uma criança na plateia e ela grita: "Mãe, olhe o lençol do Tinho"! Tinho era irmão de José Nilton, um dos atores da peça "Dr. Fac-Totum". Fora assim a montagem, tudo na base do dia um dos seus intérpretes. E o teatro perdia um ator para sossego do meu pai.

A leitura: um hábito necessário

Maria das Graças Henrique
Pedagoga e diretora da Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte

Quando falamos em leitura nos lembramos logo alguém com livros, revistas, jornais ou algo similar. Mas nem sempre leitura significa essas imagens ou objetos. Paulo Freire, grande educador, defensor de uma educação pública de qualidade voltada para a realidade de cada um como arma de libertação dos oprimidos, através da alfabetização e, consequentemente, da conscientização dos seus direitos e deveres, defendia o "ato de ler" como condição imprescindível ao processo de evolução e transformação da vida (para melhor) nas sociedades que vivem sob o domínio dos que se dizem donos do saber.

À semelhança desse exemplo, Freire dizia que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra", isto significa que a leitura acontece em ângulos diferenciados, desde um simples olhar a um objeto qualquer ou a um acontecimento. Assim, podemos extrair daí leituras e mais leituras, depende de como você vê e/ou sente o momento no contexto do texto.

Visto por este prisma, todos nós seres humanos somos ou deveríamos ser leitores de mundo, bastando-nos parar e refletir sobre a própria existência, sobre momentos vividos, estaremos assim, fazendo leitura sem necessariamente visualizar palavras codificadas textualizadas (teoria freiriana).

Em razão disso, o que gostaríamos de focar com mais ênfase sobre a leitura (sem nos direcionar a um tipo específico) é o fato de chamar à atenção uma categoria que parece ter nascido em um tempo quando a leitura não faz parte de um processo essencial na vida acadêmica de cada um. Essa categoria à qual nos referimos são os educandos (alunos ou jovens adolescentes), que de um modo geral deixam a leitura, tanto de mundo quanto de processo efetivo (escolar), sempre em último plano em suas vidas. Esses jovens não gostam muito de "ler". Ler, para muitos, significa sacrifício, a leitura não ocupa espaço ou um momento prazeroso na vida acadêmica dos alunos, isso em todos os níveis de ensino, tanto público quanto privado.

Essa falta de interesse nem sempre é culpa deles. Esses jovens fazem parte de uma geração de muitos outros gostos. Por exemplo, ligam-se mais na música hap, isto é, estão mais ligados no ritmo e muitas vezes um ritmo sem letra. Um outro exemplo é a internet, que possibilita navegar por outros mundos na busca de emoções mais fortes, esquecendo-se de contextualizar por meio da leitura o virtual com o real. No entanto, se essa contextualização acontecesse estaria ele (o aprendiz) lendo o mundo e lendo o texto, tirando assim muito mais proveito da sua busca desenfreada no mundo virtual.

A PRÁTICA DA LEITURA— É interessante notar que, quem faz uso contínuo, ou melhor, quem desenvolve o hábito de ler, além de ser um maravilhoso passatempo, desenvolve competências e habilidades cognitivas espantosas. Isto quer dizer que a leitura é essencial ao ser humano como pessoa, como aprendiz, sendo preferida pelos intelectuais e grandes cientistas que buscam na leitura o raciocínio lógico na elucidação das suas teses. Em suma, podemos afirmar que, quem faz da leitura um hábito pelo prazer e pelo poder está alimentando com doses certas o seu potencial de criar, de entender, de encontrar uma reposta lógica em menor espaço de tempo do que quem não tem ou adquire o mesmo hábito.

"Inúmeros escritores que têm recriado a aprendizagem da leitura quase sempre apresentam-na intencionalmente como algo mágico, senão enquanto ato, enquanto processo de descoberta de um universo desconhecido e maravilhoso". (Maria Helena Martins, 1994, p. 14-15).

Portanto, educadores (professores em especial) e educandos, enquanto mediadores e descobridores do saber construído, elementos essenciais ao processo ensino/aprendizagem repensemos a nossa postura quanto à relevante necessidade de elegermos a leitura como ponto de partida nas salas de aula para o su-

(Continuação)

"A psicanálise enfatiza que tudo quanto de fato impressionou a nossa mente jamais é esquecido, mesmo que permaneça muito tempo no obscuro do inconsciente". Isso evidencia a importância da leitura para o ser humano, pois enquanto lemos, deixamos gravados na nossa memória trechos que julgamos importantes para nós, nos saciamos, nos alimentamos, recarregamos nossas baterias, é o nosso inconsciente que age e reage como um chip de computador, retendo e guardando todo as informações que nos interessam, criando e gerando competências e habilidades intelectuais para entrarem em ação no momento oportuno.

Em razão disso, os sistemas educacionais em seus planos de curso voltam-se para questão da importância da leitura no processo ensino/aprendizagem e dão prioridade aos projetos de leitura a serem desenvolvidos nas escolas como metas prioritárias na formação de leitores assíduos, objetivando com isto, melhor formação acadêmica em todo o processo ensino/aprendizagem, envolvendo tanto o educando quanto o educador e todo o âmbito escolar, nessa meta que estabelece melhorias ao nível do "ensinar e o aprender" passando a fazer parte do "mise - en - scene" de cada leitor.

Enfim, cada um, independentemente da leitura que esteja realizando, precisa buscar o "seu jeito de ler", aprimorando e degustando, para que a leitura torne-se cada vez mais gratificante e estimulante.

70 SETENTA ANOS

COLEÇÃO MOSSOROENSE

1949 2019

FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO